

---

# Fatores que influenciam as nutrizes a interromperem a amamentação exclusiva durante os primeiros seis meses de vida do lactente

*Factors that influence nursing nursing changes in exclusive breastfeeding during the first six months of an infant's life*

Lúcia de Almeida Alvez<sup>1</sup>, Maria Amélia Antunes Gonçalves Nunes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Curso de Nutrição do Instituto Taubaté de Ensino Superior – ITES, Taubaté-SP, Brasil.

---

## Resumo

**Objetivo** – Analisar as dificuldades relatadas pelas nutrizes e quais foram os fatores que influenciaram na interrupção da prática do aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do lactente. O leite materno é o melhor alimento do mundo para a saúde dos bebês, como preconiza a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde. No ano de 2001, a OMS passou a adotar como recomendação o aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida do lactente, que se refere à prática de amamentar o bebê apenas com leite materno, não havendo a necessidade de ofertar nenhum outro tipo de alimento. **Métodos** – Foi aplicado um questionário com o propósito de obter informações mensurando o desmame precoce pelas nutrizes. As participantes receberam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, inserido no questionário on-line e o processamento dos dados obtidos foi realizado por meio da plataforma Google forms®. **Resultados** – Participaram do estudo 33 mães, a duração do aleitamento materno exclusivo observado na pesquisa feita com as mães, foi favorável, tendo em vista que, mais da metade amamentou seu filho de forma exclusiva até o sexto mês de vida. **Conclusão** – Entre os fatores que contribuíram para que as mães desistissem da amamentação de forma exclusiva foi por ter pouco leite, por indicação médica, por opção, não ter conhecimento, não conseguiu uma pega correta do bebê a mama, dor ao amamentar, leite fraco.

**Descritores:** Aleitamento materno; Desmame; Nutrição do lactente

## Abstract

**Objective** – To analyze the difficulties reported by nursing mothers and what were the factors that influenced the interruption of the practice of exclusive breastfeeding during the first six months of the infant's life. Breast milk is the best food in the world for the health of babies, as recommended by the World Health Organization (WHO) and the Ministry of Health. In 2001, the WHO started to adopt exclusive breastfeeding as a recommendation until the infant's sixth month of life, which refers to the practice of breastfeeding the baby only with breast milk, without the need to offer any other type of food. **Methods** – A questionnaire was applied in order to obtain information measuring early weaning by nursing mothers. Participants received the Informed Consent Form, inserted in the online questionnaire and the processing of the data obtained was carried out using the Google forms® platform. **Results** – Thirty-three mothers participated in the study. The duration of exclusive breastfeeding observed in the survey conducted with the mothers was favorable, considering that more than half of them exclusively breastfed their child until the sixth month of life. **Conclusion** – Among the factors that contributed to the mothers giving up breastfeeding exclusively was having little milk, by medical advice, by choice, not having knowledge, not getting a correct attachment of the baby to the breast, pain when breastfeeding, weak milk.

**Descriptors:** Breastfeeding; Weaning; Infant nutrition

---

## Introdução

O leite materno é o melhor alimento do mundo para a saúde dos bebês, como preconiza a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS). No ano de 2001, a OMS passou a adotar como recomendação o aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida do lactente, que se refere à prática de amamentar o bebê apenas com leite materno não havendo a necessidade de ofertar nenhum outro tipo de alimento<sup>1,2</sup>.

Após o período de seis meses, a amamentação passa a não ser mais exclusiva, podendo ser complementada com outros tipos de alimentos apropriados e seguros de forma gradativa, como recomenda a OMS. Com a amamentação exclusiva, diminuirá a morbimortalidade infantil, pois o leite materno é rico em compostos nutricionais e imunológicos, contendo anticorpos adquiridos da mãe durante a sua vida, conferindo, dessa forma,

imunidade passiva ao bebê e proteção contra infecções e ainda prevenindo outras comorbidades na vida adulta<sup>3,4,5</sup>.

O incentivo à amamentação deve começar desde o pré-natal e continuar no período do puerpério, esse estímulo é dado pelos profissionais de saúde que são primordiais para a promoção do aleitamento materno e sua manutenção. Embora o leite materno seja o melhor alimento para os lactentes, estudos apontam vários motivos que influenciam na tomada de decisão das mães em amamentar ou não os seus filhos exclusivamente até o sexto mês de vida, assim contribuindo para o desmame precoce. São eles: a inclusão de alimentos complementares de maneira imatura, como chás e água<sup>6,7</sup>.

O presente trabalho objetivou em analisar as dificuldades relatadas pelas nutrizes e quais foram os fatores que influenciaram na interrupção da prática do aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do lactente.

## Métodos

O estudo foi realizado com a aplicabilidade de um questionário on-line adaptado de Ribeiro (2017), composto por 13 questões, elaborado pela plataforma *Google® forms* (APÊNDICE), com o propósito de obter informações mensurando o desmame precoce pelas nutrizes. A abordagem foi feita de forma eletrônica, evitando o contato com os indivíduos. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, Plataforma Brasil com o número de CAAE: 48830721200005512. Todas as participantes receberam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (ANEXO) ao qual foi explicado, os objetivos e a metodologia empregada.

## Resultados

A amostra foi constituída por 33 questionários, respondidos por nutrizes. Foram excluídos 4 questionários que estavam em desacordo com a metodologia proposta, sendo 2 excluídos por mal preenchimento da data de nascimento do bebê, e 2 ultrapassavam a idade da pesquisa, sendo consideradas, portanto, 29 amostras. A média da faixa etária das lactantes foi de 33 anos.

A partir da análise dos dados sobre quais mães receberam orientações de amamentação e técnica correta de amamentar, observou-se que 62,1% das mães receberam orientações sobre a amamentação e 37,9% não obtiveram essas orientações. Constatou-se também que

89,7% receberam orientações sobre a técnica correta de amamentar ainda quando estavam internadas e 10,3% não receberam as devidas orientações (Tabela 1).

Em relação à pergunta feita para as mães antes do parto, sobre as expectativas da duração do aleitamento materno, o estudo mostrou que 58,6% relataram que tinham a expectativa de amamentar até o sexto mês, 34,5% de amamentar até dois anos idade e 6,9% até o quarto mês, conforme resultados no gráfico 1.

Com relação ao apoio de algum profissional de saúde ou da família para lidar com as dificuldades da amamentação, os dados descritos na tabela 2 demonstram que 72,4% das mães relatam que receberam apoio para lidar com as dificuldades em relação à amamentação, já 27,6% não tiveram essa ajuda, o que muitas vezes acaba prejudicando a amamentação e as levando a desistir. Entretanto 75,9% receberam o apoio da família, 17,2% relatam ter recebido apoio tanto da família como dos profissionais da saúde, e 6,9% relatam ter recebido ajuda apenas dos profissionais da saúde.

De acordo com o gráfico 2, observa-se que 21,4% relatam ter pouco leite para amamentar, outras 21,4% referem que não conseguiram a pega correta do bebê à mama, 7,1% evidenciaram dor ao amamentar, outras com a mesma porcentagem desistiram por não ter conhecimento, 7,1% referem que o leite era fraco, 14,3% referem que foi por indicação médica e, por fim, 21,4% referem que foi por opção.

**Tabela 1. Orientações da amamentação e técnica correta de amamentar**

Mães que receberam orientações sobre a amamentação durante o pré-natal.	Receberam orientações	62,1%
	Não receberam orientações	37,9%
Mães que receberam orientações sobre a técnica correta de amamentar.	Receberam orientações sobre as técnicas	89,7%
	Não receberam orientações sobre as técnicas	10,3%

Fonte: AUTOR, 2021.

**Tabela 2. Apoio do profissional de saúde ou da família**

Mães que tiveram apoio na dificuldade da amamentação	Tiveram apoio	72,4%
	Não tiveram apoio	27,6%
Mães que receberam apoio na amamentação	Família	75,9%
	Ambos	17,2%
	Profissionais da área	6,9%

Fonte: AUTOR, 2021.



Gráfico 1. Expectativas sobre a duração do aleitamento materno. Fonte: AUTOR, 2021



Gráfico 2. Quais foram os fatores que levaram as mães a desistir da amamentação de forma exclusiva. Fonte: AUTOR, 2021

## Discussão

Zani, et al (2011), apontam para uma maior percepção materna das competências, com o aumento da idade, nos cuidados aos recém-nascidos. As mães com vinculação segura percebem maior competência nos cuidados ao recém-nascido.

Com relação aos benefícios do aleitamento materno, observou-se que 96,6% das lactantes relatam ter conhecimento sobre eles. Coutinho, et al (2014), observaram que 45% das mães relatam que a prática de amamentar reduz riscos de hemorragia pós-parto, 51% destacam que ao amamentar aumenta distanciamento entre uma gravidez e outra, 68% relatam conhecimento sobre a redução do câncer de mama e de ovário, e 66% afirmam ter conhecimento sobre retornar rapidamente ao peso pré-gestacional.

No estudo de Aleixo, et al (2019), as puérperas receberam orientações sobre a amamentação, com um total de 59,4% durante o pré-natal. Os autores ainda apon-

tam que 51,3% disseram estar satisfeitas com as orientações recebidas. Ainda dos 59,4% das mães, 73,9% sabiam identificar a pega correta do bebê a mama. Apontam também o entendimento dessas mães sobre amamentação, quando observaram que 52,2% reconhecem a importância da técnica correta para o sucesso da amamentação.

No estudo de Machado, et al (2014), as lactantes entrevistadas relataram o desejo de amamentar em média até cinco meses e meio de forma exclusiva, podendo se estender até um ano e meio com alimentação complementar, sendo bem próximo ao que preconiza a OMS que é no mínimo de seis meses.

Costa, et al (2017), observaram que 50% das mães revelaram não saber por quanto tempo elas desejam amamentar. Dessas mães, 16,7% dizem que devem amamentar até o 3º mês de vida do lactente, e ainda outras 16,7% que pretendem amamentar até o bebê completar um ano de vida.

Quando questionado as mães da pesquisa se elas se sentiam preparadas para amamentar em casa, o estudo demonstrou os seguintes resultados 72,4% relataram que sim e apenas 27,6% relataram que não estavam preparadas.

Em seu estudo Aleixo, et al (2019), demonstra que 76% mães entrevistadas disseram que se sentem seguras e satisfeitas acerca das orientações recebidas para amamentar e outras 24% referem que não se sentem seguras e preparadas para a amamentação, corroborando com esta pesquisa onde obteve porcentagens bem parecidas.

Para Linhares, et al (2014), ressalta-se o diálogo entre profissionais, puérperas, familiares e todos os demais que possam auxiliar na condução da amamentação para que qualquer intercorrência seja evitada e superada nesse momento, e que a amamentação seja realizada na sua totalidade da melhor maneira possível.

De acordo com a OMS, amamentação exclusiva se refere à prática de amamentar o bebê apenas com leite materno, não havendo a necessidade de ofertar outro tipo de alimento, sólidos ou líquidos, com ressalva apenas as vitaminas, minerais e medicamentos (Brasil, 2018; Brasil, 2019).

Corroborando com os resultados, na pesquisa de Ribeiro (2017), 84,4% das mães não amamentaram seu bebê de forma exclusiva, e os fatores encontrados em seu estudo foram: pouco leite, indicação médica, por opção, leite fraco e outras por ter mamilos rasos e invertidos.

Analisando a questão onde foi perguntado às mães se tiveram dificuldades na amamentação e se receberam algum tipo de ajuda do banco de leite ou dos profissionais da saúde, 65,5% disseram que não buscaram ajuda e 34,5% que sim, que buscaram ajuda, e ainda 51,7% dessas mães relatam que essa ajuda lhes foi útil, no entanto, as outras mães com uma porcentagem de 48,3% que não foi útil.

No estudo de Silva, et al (2019), 96% das mães entrevistadas tiveram muitas dificuldades em relação a amamentação, porém, 84% do total já havia buscado ajuda no banco de leite, que tem profissionais capacitados para atendê-las. Quanto mais rápido for essa busca, mais chance se tem de superar as dificuldades, dessa forma podendo garantir apoio à mãe, e o sucesso da nutrição do recém-nascido.

Para Afonso, et al (2015), amamentar é um ato de aprendizado que demanda ajuste entre mãe e filho, pois a possibilidade de ter dificuldades está presente. A partir dessas dificuldades as mães passam a buscar ajuda no banco de leite, 87,5% das mães buscaram ajuda no banco de leite, porém, quando buscaram ajuda já haviam adotado outras formas de amamentação.

Em relação à questão que pergunta se as mães acham que a amamentação trouxe benefícios para o bebê, 96,2% das mães afirmam que sim, enquanto 3,8% que não. De acordo com a SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, (2018), a amamentação é a base da vida apontando efeitos positivos a curto e longo prazo, proporcionando às crianças que são amamentadas uma vida mais saudável física e mentalmente, evidenciando que crianças amamentadas tem menos chance de ter

sobrepeso, obesidade, reduz a morbimortalidade, diabetes e maior QI, aponta ainda que a amamentação reduz as chances de infecções respiratórias.

Nesse cenário, Morais, et al (2017), apresentam em seu estudo que a duração do aleitamento a longo prazo está atrelada com a diminuição de sobrepeso, melhora intelectual, níveis de pressão diminuídos, dessa forma demonstrando a importância da alimentação da criança nos primeiros anos de vida.

## Conclusão

Entre os fatores que contribuíram para que as mães desistissem da amamentação de forma exclusiva foi por ter pouco leite, por indicação médica, por opção, não ter conhecimento, não conseguiu uma pega correta do bebê à mama, dor ao amamentar e mito do leite fraco.

Entretanto, observou-se ainda que não houve intercorrência ou alguma doença que impediu a amamentação, uma vez que apenas duas mães relataram ter tido outro tipo de imprevisto na amamentação, uma por motivo de alergia e a outra por anemia.

## Referências

1. Organização Mundial da Saúde (BR). Fundo das Nações Unidas para a Infância. OMS e Unicef lançam novas orientações para promover aleitamento materno em unidades de saúde de todo o mundo. Brasília, DF: 2018 (acesso em 28 de agosto de 2020). Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5631:oms\\_e-unicef-lancam-novas-orientacoes-para-promover-alimentamento-materno-em-unidades-de-saude-de-todo-o-mundo&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5631:oms_e-unicef-lancam-novas-orientacoes-para-promover-alimentamento-materno-em-unidades-de-saude-de-todo-o-mundo&Itemid=820).
2. Ministério da Saúde (BR). Secretária de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos. Brasília, DF: 2019. Disponível em: [http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia\\_da\\_crianca\\_2019.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_da_crianca_2019.pdf).
3. Salustiano LPG, Diniz ALD, Abdallah VOS. Fatores associados à duração do aleitamento materno em crianças menores de seis meses. Rev Bras Ginecol Obstet. 2012;34(1). Doi: 10.1590/S0100-72032012000100006.
4. Sociedade Brasileira de Pediatria. Amamentação a base da vida. 2018 (acesso 6 de set de 2020). Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/21162c\\_dc\\_-\\_amamentacao\\_-\\_A\\_base-da-vida.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21162c_dc_-_amamentacao_-_A_base-da-vida.pdf).
5. Sousa ELA, Almeida SG. Efeito do aleitamento materno no sistema imunológico do lactente. Brasília: Centro Universitário de Brasília. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Curso de Nutrição; 2018 (acesso 5 set 2020). Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/12681/1/21503487.pdf>.
6. Sociedade Brasileira de Pediatria. Amamentação a base de vida. Documento científico. Departamento Científico de Aleitamento Materno. 2018;(6).
7. Silva MMS. Conhecimento sobre aleitamento materno de gestantes em acompanhamento pré-natal em maternidade de São Luiz-MA: Universidade Federal do Maranhão; 2017 (acesso 15 set 2020). Disponível em: <http://monografias.ufma.br/jspul/handle/123456789/1290>.
8. Zani AV, Merino MDFGL, Testom EF, Serafim D, Ichisato SMT, Marcon SS. Recém nascido de risco na percepção da mãe adolescente. Rev Rene (internet). (acesso 5 set 2020); 12 (2). Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1984>.

9. Coutinho ACFP, Soares ACO, Fernandes OS. Conhecimento das mães sobre os benefícios do aleitamento materno à saúde da mulher (internet) 2014 (acesso 25 ago 2021). Disponível em: <https://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer?vid=1&sib=5ae4fd0d-f213-4488-885e-61335a701f9a%40sessionmgr103>.
10. Aleixo TCS, Carleto EC, Pires FC, Nascimento JSG. Conhecimento e análise do processo de orientação de puérperas acerca da amamentação. *Rev Enferm* 2019; 9 (e59): 1-18. Doi: 10.5902/2179769236423.
11. Machado AKF, Elert VW, Preto ADB, Pastore CA. Intenção de amamentar e de introdução de alimentação complementar de puérperas de um hospital-escola do Sul do Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2014; 19 (7). Doi: 10.1590/1413-8123201419703162013.
12. Costa R, Salomão A, Araújo C, Bezerra K. Dificuldades encontradas pelas mães ao amamentar em um Unidade de Referência em Atenção Primária. *Dê Ciência em Foco*. 2017 (acesso 7 nov de 2021). Disponível em: <http://revistas.uninorteac.com.br/index.php/DeCienciaemfoco/article/view/2014>.
13. Linhares FMS, Pontes CM, Osório MM. Construtos teóricos de Paulo Freire norteando as estratégias de promoção à amamentação. *Rev Bras Saúde Matern Infant*. 2014;14(4):433-9. Doi: 10.1590/S1519-38292014000400013.
14. Ribeiro JML. Expectativas maternas na amamentação. Porto: Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências da Saúde; 2017.
15. Silva YLA, Damasceno AC, Pontes CDM, Correa MQ, Gurjão HHR, Lima IG, et al. Dificuldades no aleitamento materno na maternidade da fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará e o apoio do banco de leite. *Rev Eletr*. 2019 (acesso 7 nov de 2021). Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/292>.
16. Afonso VW, Vale DA, Ribeiro URVCO, Monteze NM, Ribeiro LC, Vargas ALA, et al. Perfil das usuárias de um banco de leite humano em Juiz de Fora, MG. *Rev APS*. 2015;18 (1) (acesso 31 de out 2021). Disponível em: <https://periódicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15423>.
17. Moraes MB, Cardoso AL, Lazarini T, Mosquera EMB, Mallozi MC. Habits and attitudes of mothers of infants in relation to breastfeeding and artificial feeding in 11 Brazilian cities. *Rev Paul Pediatr*. 2017;35;1;00014.

**Endereço para correspondência:**

Lúcia de Almeida Alvez  
Av. Professor Walter Taumaturgo, 680 – apto 32a – Jardim das Nações  
Taubaté-SP, CEP12030-040  
Brasil

E-mail: [almeidaalvezlucia@gmail.com](mailto:almeidaalvezlucia@gmail.com)

Recebido em 1 de dezembro de 2021  
Aceito em 12 de janeiro de 2022